**Aquiles e Matraga: uma possível retomada do herói épico no texto roseano**

Raiane Cordeiro de Souza Moreira[1]

RESUMO: Observando a Literatura como a leitura do humano, como arte que busca o real de uma maneira imaginativa, metafórica, percebe-se uma tentativa de proximidade da arte literária de todos os tempos. Assim, este trabalho, baseando-se nas óticas de Bakthin e de Lukàcs - teóricos que colocam em contraponto o épico e o moderno-, pretende traçar um perfil de duas épocas que, de certa maneira, se aproximam através do modo como observam o "herói", mesmo que construído em narrativas e contextos diferentes.

Palavras-chave: Épico; Moderno; Identidade.

O ser humano se rege em todas as culturas pelas mesmas matrizes discursivas, de modo intemporal, inconsciente.

A ligação que se pretende traçar entre Aquiles, personagem sobre o qual se desenrola toda a trama em *A Ilíada*, de Homero e Augusto Matraga, a quem Guimarães dá vida como um jagunço que, ao se ver envolvido pela morte, busca a contrição e o arrependimento no conto *A hora e a vez de Augusto Matraga*, deve-se justamente ao fato de ser o texto literário o núcleo a partir do qual se retoma tudo. A grande obra literária está sempre presente como sombra, na medida em que permite a outras épocas que se encontre nelas ressonâncias humanas.

Cada época possui o discurso correspondente às necessidades que o movimento da história lhe coloca. Cada voz que, em outros tempos, retoma a voz da Grécia arcaica a seu modo, na perspectiva de novos horizontes, algo que lhe é estranhamente próprio. Assim, digamos que não há repetição, mas diálogo, ou melhor, abertura de diálogo; situação em que quem versa não desfaz seu próprio discurso no discurso alheio, mas constrói um discurso próprio. Desse modo, a épica homérica, para além da matriz de um gênero, revela-se matriz de outros gêneros.

A obra de Homero compõe um mundo que está sob o signo do inacabado. Segundo a ótica aristotélica, o texto épico precisa ter raiz na vida. Homero retoma as antigas histórias contadas pelos gregos em seus textos, o que seria uma tentativa de não deixá-las perecer. O legado do passado não deve ser rompido, é preciso dialogar com a tradição. A partir desse questionamento, percebe-se que o texto do século XX, apesar de promover rupturas, de

[1] Mestranda em Letras- Universidade Federal de Viçosa

“desvencilhar”, possui, na perspectiva de Guimarães, o rediscutir, o revisitar e, principalmente, o dialogar. O próprio conceito de *mimeses* se instaura no texto roseano, onde a arte é vista como revisitação e reinvenção do real. Matraga é um herói moderno, anti-herói por natureza, preso a valores materiais. O sujeito não é estável, ele muda no decorrer do texto:

> Matraga não é Matraga, não é nada. Matraga é Esteves.Augusto Esteves, filho do Coronel Afonsão Esteves, das Pindaíbas e do Sacoda-Embira. Ou Nhô Augusto – o homem – nessa noitinha de novena, num leilão de atrás de igreja, no arraial da Virgem Nossa Senhora das Dôres do Córrego do Murici”. (ROSA, 1977, p. 324).

No sertão mineiro vive Augusto Esteves das Pindaíbas, ator que inicia o texto como um sujeito do fazer que leiloa uma mulher à-toa,numa festa de igreja. Manipulado por um código de honra patriarcal, apóia-se, para esse fazer, em uma herança de família, em seu recurso financeiro, em proteção política e na retaguarda de vários capangas. Esse falso poder lhe proporciona uma falsa competência para agir com certa superioridade, ignorando esposa e filha, submetendo seus capangas aos seus mandos de patrão. Nhô Augusto impõe a sua força para conseguir viver sob este código: ele crê poder dominar e o faz à sua esposa, sua filha e seus capangas que lhe prestam serviços e lhe são submissos. Ele quer mandar e desmandar em todos, sabe manipular as pessoas com quem vive, suas reféns, por intimidação, como é o caso da mulher, Dionora:“E ela conhecia e temia os repentes de Nhô Augusto. Duro, doido e sem detença, como um bicho grande do mato... – ele tinha outros prazeres, outras mulheres, o jogo do truque e as caçadas”. (ROSA, 1977, p. 329).

Na épica de Homero acontece justamente isto com o herói Aquiles, que não se sujeita à lei aquéia, nunca se curva a um consenso coletivo e suas atitudes são sempre pautadas pela desmedida (perda da métis). A “Métis”, enquanto "inteligência prática", é uma inversão de forças na qual o fraco vence o forte. No seu horizonte temporal não existe uma perspectiva racional nem moral "a priori", pois ela se caracteriza como uma premeditação vigilante. Nesse sentido, o homem e a mulher da “Métis” agem como um relâmpago. Ao mesmo tempo, não se deixam levar por impulsos. A Métis sabe trabalhar a temporalidade, pois ela possui o domínio do tempo em três situações: tem a experiência do passado, agarra o momento presente, fugaz, e faz predições para o futuro. Finalmente, concebida dessa maneira, o termo grego, que podemos denominar de “medida”, não é uma categoria mental, mas uma forma de inteligência dotada de argúcia, sagacidade e fingimento aliada à experiência adquirida.

O herói Aquiles age por impulso, pelas paixões, caracterizando-se como um herói sem "tropos", no próprio sentido grego da palavra, que não é engenhoso.Percebe-se nitidamente a perda de medida do herói em várias passagens do texto, onde ele é sempre dominado pela ira:"Assim falou ele, e o filho de Peleu irou-se. O coração dentro de seu peito possante imaginou duas coisas: se deveria sacar a espada, dispersar os outros e matar o filho de Atreu, ou se deveria dominar sua ira e curvar o espírito." (HOMERO, Livro I, p.12*).*

No texto *Homero como educador,* discute-se a tendência que a poesia homérica tem, por excelência, de elevar à esfera da nobreza até as coisas mais insignificantes. Ele "tudo engrandeceu: animais e plantas, a água e a terra, as armas e os cavalos. Podemos afirmar que não deixou nada sem elogio e sem louvores." **(**WERNER, 2003, p. 69). Apesar dessa tendência, Homero apresenta de maneira contundente o poder de dessacralizar, de tornar o mito mais próximo do humano, o que aproxima o herói épico do herói contemporâneo. O mito, que na perspectiva grega deve vir sempre acompanhado pela necessidade de uma ação comportamental, revela-se instaurador da desmedida no texto homérico, ao passo em que o herói começa a apresentar fragilidades, sentimentos de ódio, vingança, e por fim arrependimento.

O "ephos" acrescenta, assim, dentro do universo discursivo uma diluição de fronteiras entre o mundo humano e o divino, a que podemos denominar "experiência cosmogônica". O ser humano, dessa forma, é marcado pela presença da superação. Aquiles representa esse universo de passagem do mítico para o humano, quando, depois de traçar seu caminho repleto por sentimentos vis, arrasadores, se acomete da piedade:

"Depois, porém, de Aquiles ter chorado até que a vontade deixara seu coração e seus membros, ele se levantou da cadeira e fez o velho levantar-se, segurando-o, apiedado de seus cabelos brancos e de sua barba branca [...] [2] (HOMERO,Livro XXIV, p. 2)

Assim age a personagem central do conto de Guimarães. Usa e descarta as pessoas conforme suas necessidades. Age conforme o código de honra do "mandonismo local". Até que ocorre uma mudança de planos que já estavam em curso, mas que ele não foi capaz de prever. A esposa resolve abandoná-lo e seguir outro homem, seu Ovídio, levando também a filha. Nhô Augusto fica sem a esposa e com dívidas enormes, sem crédito, e sem os capangas, que debandam para o lado de um tal Major Consilva, personagem que se manifesta como anti-

[2] O episódio final de A Ilíada, do qual foi retirado este trecho representa o equilíbrio alcançado por Aquiles, na medida em que, ao se apiedar de Príamo, devolve-lhe o corpo do filho Heitor, e restitui a methis (a ponderação), ausente em quase todo o texto.

sujeito que acredita poder destruí-lo . E como tal, contribui para que Nhô Augusto perca seu papel de patriarca todo poderoso que acreditava poder pairar acima de tudo e de todos:

> Assim, quase qualquer um capiau outro, sem ser Augusto Estêves,naqueles dois contratempos teria percebido a chegada do azar, da unhaca, e passaria umas rodadas sem jogar, fazendo umas férias na vida: viagem, mudança, ou qualquer coisa ensôssa, para esperar o cumprimento do ditado: Cada um tem seus seis meses... (ROSA, 1977, p.333).

Assim, a sorte de Nhô Augusto muda e ele, que vinha se apresentando um sujeito destemido, desobediente às regras sociais, aos códigos de conduta ética, inicia um novo percurso temático, o da penitência em relação à vida de desmandos que levara até então. No confronto com os capangas, leva uma surra mortal. É tido por morto. Seu corpo é recolhido por um casal de pretos que passa a cuidar dele às escondidas. Acolhem-no com especial cuidado, protegem-no, alimentam-no, têm paciência na espera de um renascimento. Ao tomar ciência de sua condição, é pego de surpresa por um estado de espírito comum aos derrotados, aos desiludidos:

> Agora, parado o pranto, a tristeza tomou conta de Nhô Augusto.
> Uma tristeza mansa, com muita saudade da mulher e da filha, e com
> um dó imenso de si mesmo. Tudo perdido! O resto, ainda podia... Mas,ter a família, direito, outra vez, nunca. Nem filha... Para sempre... E era como se tivesse caído num fundo de abismo, em outro mundo distante. (ROSA, 1977, p. 338).

Antes, sujeito autoritário, violento. Agora, pelo sofrimento, torna-se um sujeito capaz de perceber a inconsistência dos valores que detinha. Vai, então, mudar a sua relação com o valor que atribuía à vida. É a passagem do ignorar ao conhecer, tão típico do texto épico na forma de "reconhecimento".

É aconselhado a esquecer todo o passado e iniciar nova vida. Tem início um novo percurso narrativo em que o sujeito quer acreditar que pode realizar mudança, deseja ser absolvido de seus pecados e passa a viver uma vida regrada pela fé cristã, marcada pela ânsia de castidade. Assim, não bebe, não fuma, não briga mais, reza muito, serve a todos e segue acreditando que vai conseguir alcançar a sua "hora e vez". Traça, neste momento, caminho semelhante ao de Aquiles, o do fim da desmedida para o encontro da medida.

À proporção que vai se caracterizando o herói contemporâneo, percebemos o processo segundo o qual foi concebida a forma interna do texto moderno; na ótica lukaniana, "é a peregrinação do indivíduo problemático rumo a si mesmo, o caminho desde o opaco cativeiro na realidade simplesmente existente, em si heterogênea e vazia de sentido para o indivíduo, rumo ao claro autoconhecimento". (Lukács, 2000, p. 82).

O maior dos heróis, segundo o que comenta Lukács, "ergue-se somente um palmo acima da multidão de seus pares" (p.65), o que confere ao indivíduo-herói moderna certa dose de isolamento, a partir do qual se torna mero instrumento, cuja posição central repousa no fato de estar apto a revelar uma determinada problemática do mundo. Já com o herói épico, o que se dá é o envolvimento com um destino pronto, traçado, mas, ao contrário do que se espera, o fato de portar tal destino não cria isolamento algum à volta deste herói, antes, prende-o com laços indissolúveis à comunidade cujo destino cristaliza-se em sua vida:

> Vamos, amigo, você também vai morrer. Para que chorar?
> Até Pátroclo morreu, e era muito melhor homem que você.
> E olha, vê como sou belo e forte?
> Filho de um grande homem, a mãe que me pariu,
> Uma deusa imortal. Mas mesmo para mim, te digo,
> Morte e mão do destino estão à espreita.
> Vai vir manhã, sol-posto, tarde feita
> Em que um homem me vai privar da vida em batalha também
> - arremessando um dardo, talvez,
> Talvez tangendo de seu arco uma seta mortal. (HOMERO, Livro XXI, p. 229)

No romance e em todas as suas adjacências, percebemos a idéia do herói abatido, problematizado, o que já se configurava no texto homérico. Aquiles, assim com Augusto Matraga, só passa a possuir uma vida regrada, pautada pela piedade, pelo arrependimento, na iminência da morte. o herói sabe do seu destino, precisa se livrar do peso que carrega com a morte de Heitor para que ele se cumpra: "Teu filho te foi entregue, pai, como pediste, e está em um féretro. Quando a aurora aparecer, tu o verás e o tomarás". *(Homero, Livro XXIV, p. 271).* Matraga, ao se ver rodeado pelo espírito da morte, resolve mudar de vida. Recolhe-se num sítio, a trabalhar e a ajudar os outros, passando a ser visto pelos habitantes do lugar com um certo misticismo (aí se dá o que poderíamos denominar de junção do humano com o divino, tão recorrente no texto homérico). E neste intervalo de transformação, o enunciador firma um contrato de fidelidade ficcional com o leitor, que já espera talvez uma reviravolta nesta trama. Tem-se uma expectativa do narratário de que ele, diante dos fatos expostos por um velho conhecido, o Tião da Tereza, que lhe trouxe lembranças e notícias dos capangas, do Major Consilva que tomara conta de tudo que era seu, da esposa que estava pensando em casar-se na igreja, já que estava viúva, e da filha que tinha caído na vida, pensa em voltar para uma possível vingança:

> E assim se passaram pelo menos seis ou seis anos e meio, direitinho deste jeito, sem tirar e nem pôr, sem mentira nenhuma, porque esta aqui é uma estória inventada, e não é um caso acontecido, não

"senhor". (ROSA, 1977, p. 343).

Apesar das revelações dentro do conto, o que se percebe é a instauração de um espírito de equilíbrio. É uma retomada do texto homérico da Ilíada: ocorre a passagem do universo de barbárie, de morte, de destruição, para uma experiência de descoberta da própria humanidade (espaço marcado pela luminosidade da métis, da sabedoria).

A princípio, no texto homérico, Aquiles, ao matar Heitor, tenta impor ao cadáver dele o estrago material, é a vontade de aniquilamento. Movido pela vingança, ele nega ao corpo de Heitor a dignidade. A percepção do seu erro veio com o sofrimento do pai de Heitor. No conto de Guimarães, quase que de forma imperceptível, uma transformação passa a ocorrer com o sujeito. Com a chegada da estação das águas, as plantas e os animais mudam e Nhô Augusto está mudando também. Passa a haver uma harmonia entre o homem e a natureza:

> E, uma vem, manhã, Nhô Augusto acordou sem saber por que era que ele estava com muita vontade de ficar o dia inteiro deitado, e achando, ao mesmo tempo, muito bom se levantar. Então, depois do café, saiu para a horta cheirosa, cheia de passarinhos e de verdes, e fez uma descoberta: por que não pitava?!... Não era pecado... Devia ficar alegre, sempre alegre, e esse era um gosto inocente, que ajudava a gente a se alegrar... (ROSA, 1977, p 347)

Walnice Galvão, ao descrever a condição jagunça e seu universo, nos revela que:

> Aparentemente, o jagunço não é um criminoso vulgar. As noções de honra e de vingança, bem como o cunho coletivo de sua atuação, estão inextricavelmente ligados à sua figura. O jagunço não é um assassino: ele é um soldado numa guerra; o jagunço não mata: ele guerreia; o jagunço não rouba: ele saqueia e pilha. Crime, que sei, é fazer traição, ser ladrão de cavalos ou de gado... não cumprir a palavra ... (GALVÃO, 1978, p. 252)

No sertão é assim, manda quem é forte. Sendo filho de um Coronel, com terras e cacundeiros, Nhô Augusto leva uma vida desregrada ao olhar institucional e moral. Sua ética provém do sertão, onde tudo pode ser realizado pelo forte.

O "ethos" [3] do homem sertanejo possui uma peculiaridade própria, da lealdade à força, da morte ao respeito, do forte sobrepujando o fraco e da vingança ao companheirismo. Entretanto, o jagunço, propriamente dito, possuindo seus códigos, não institui uma violência desregulada. Matraga em sua ética de coronel - patriarcalista ainda embuído da ética dos

[3] Referindo-se à ética , que na ótica aristotélica é a construção de códigos de costumes (ações humanas boas ou más)

fortes não se deu conta de que sua força partia do ethos que é socialmente articulado, e de que o forte também está sujeito à sua própria ética.

Ao decorrer da narrativa, Nhô Augusto se vê humilhado, marcado e derrotado, em uma sociedade que possui seus códigos próprios, onde predomina a lei do mais forte, dentro da ética jagunça. Major Consilva realiza o mesmo ethos de Nhô Augusto: "Ele, Consilva, o dono da casa foi falando alto, risonho de ruim:- Tempo do bem-bom acabou, cachorro de Esteves!" (Rosa, 1977, 351). Agora, o dono da casa, da morada, do *ethos patriarcalista-jagunço* do sertão, derrota o Nhô Augusto Esteves na sua ética, no seu ethos, após a surra de porrete: "Mas recuaram, num susto, porque Nhô Augusto viveu, com um berro e um salto, medonhos. - Segura! Mas já ele alcançara a borda do barranco, e pulara no espaço. Era uma altura. O corpo rolou, lá embaixo, nas moitas, se sumindo, no abismo" (Rosa, 1977, p.353). Ele viveu, ou seria melhor, reviveu, porque nasce neste instante o novo Nhô Augusto, pois já não existe mais Augusto Esteves, patriarcalista. Inicia-se, a partir deste fragmento narrativo, a construção de Augusto Matraga, que vai perdurar durante toda sua trajetória até o próprio conflito que firmará sua nova ética.

Em vários momentos, tem-se a expectativa de que Matraga consolidará sua vingança. O sujeito protagonista vivera por muitos anos segundo um código de honra e não é fácil crer que tenha se convertido tão cabalmente. Até que chega seu Joãozinho Bem-Bem ao lugarejo e o convida para fazer parte de seu bando:

> E o oferecimento? Era só falar! Era só bulir com a boca, que seu Joãozinho Bem-Bem e o Tim, e o Juruminho, e o Epifânio – e todos rebentavam com o Major Consilva, com o Ovídio, com a mulher, todo-o-mundo que tivesse tido mão ou fala na sua desgarração, Eh, mundo velho de bambaruá!... Eh, ferragem! (ROSA, 1977, p.355).

Nota-se aí que o sujeito tem a competência, readquire o poder de se vingar, mas não se deixa manipular por ele, ou melhor, é movido por outros valores, precisa crer que pode e que sabe fazer: perdoar.

Passado algum tempo, o desejo de voltar à vida toma conta de Nhô Augusto. Mais uma vez instaura a expectativa no narratário de que está pronto para a vingança. Porém, quando entra no arraial do Rala-Côco, esta expectativa é quebrada. Reencontra ali o mesmo Joãozinho Bem-Bem e o seu bando, envolvidos em uma briga em que queriam vingar a morte de um dos homens do bando. Aqui se revelam as verdadeiras intenções de Augusto Matraga que não pensa mais em vingança, mas em praticar a justiça. Assim, tenta livrar o velho

indefeso das mãos de Joãozinho Bem-Bem.Ambos duelam e ficam feridos mortalmente, JoãozinhoBem-Bem morre primeiro e Matraga revela-se aos presentes:“Pergunte quem é aí que algum dia já ouviu falar o nome de Nhô Augusto Esteves, das Pindaíbas!” (Rosa, 1977, p.370). E sendo morto em combate, recupera assim a sua honra. Não é um morto qualquer, tem-se a idéia de santo: “Traz meus filhos, para agradecerem a ele, para beijarem os pés dele!... Não deixem este santo morrer assim...” (Rosa, 1977, p.370).

Augusto Matraga morre como herói, epicamente. Vai para o céu, segundo a sua crença, ascende a uma vida superior em que o bem supera o mal. E, nesse sentido, é evidente uma aproximação das idéias presentes no conto de Guimarães com o evangelho: “E chamando assim o povo com seus discípulos, disse-lhes: Se alguém me quer seguir, negue-se a si mesmo: e tome a sua cruz, e siga-me. Porque o que quiser salvar a sua vida perdê-la-á: mas o que perder a sua vida por amor a mim, e a do Evangelho, salvá-la-á” .(Mc: 8,34-5)

A ira de Aquiles, comparada à condição jagunça de ética de Matraga, é, ao mesmo tempo, honra, capricho e falta de limite. O resgate da honra vem na ótica heróica do código guerreiro. O capricho, numa aberta predisposição para vitimizar-se, especialmente diante da mãe, que realiza sempre seus desejos. E o deslimite, pela enormidade de seu rancor. Pela honra, Aquiles, guerreiro imbatível, é capaz de duelar até a morte. Em relação ao capricho, se mostra narcisista, prepotente. Mas ele supera a todos estes esboços pela desmesura de seu ódio.

O herói não luta pelos aqueus, por Briseida, por Pátroclo ou por Fênix, ele luta por si, por sua honra, pelo legado que deixará para a posteridade. Para ele, os sucessos da guerra pouco importam. Mesmo a morte de Pátroclo parece um momento oportuno para se lançar ao resgate da honra. Ele luta com uma fúria e uma individualidade verdadeiramente incomuns, retomados por Aristóteles como características que Homero impõe aos seus heróis, de auto-suficiência, que não tem necessidade dos outros, que não é parte da comunidade. A solidão e a violência são marcas predominantes no herói épico.

É dessa forma que Aquiles melhor espelha a tragédia do homem, sem concessões: preferir morrer cedo e gloriosamente a viver uma vida longa e doméstica, mas fadada ao esquecimento.

O aposto mais recorrente dentro do texto homérico “semelhante a um deus” é dissolvido em vários momentos do texto, em que se concretiza sua frustração: não ser o maior na hierarquia dos exércitos aqueus, honra que cabe a Agamenon e ser vulnerável, apesar de tudo, porque, no íntimo, ele sabe que o preço pago por tanta glória é sua própria vida.

O que se percebe, dessa forma, é a aproximação visível dos heróis de duas épocas distantes, marcados pelo signo da redenção, do resgate da honra, da superação, e por fim, da junção do sagrado com o humano. Matraga se aproxima de Aquiles ao se redimir, ao rever seus valores, ao buscar o equilíbrio. É a busca da medida presente no texto homérico que se reconstrói na figura do herói moderno. O discurso pregado pela personagem roseana, a princípio, "Pra o céu eu vou , nem que seja a porrete", numa tentativa de impor a Deus o perdão, se converte em heroísmo, até mesmo em santidade, tirando de Matraga aquela aura de maldade e de violência.

É notório, tanto em A *Ilíada* quanto no conto de Guimarães *A hora e a vez de Augusto Matraga*, a passagem do espírito de barbárie, de destruição, para a descoberta da própria humanidade, mesmo que seja apenas através da proximidade da morte.

ABSTRACT: Observing literature as the reading of Humanity, like art Which seeks reality in na imaginative Way, metaphorically, one perceives na attempt to close in on the literary art of all time. This work, based on the vision of Bakhtin and Lukács- theorists that place the epic and the modern against one another-, intends on drawing a profile of two times that, in one way or another, approach each other through the way in how the "hero" is observed, even if built in different narratives and contexts.

Key-Words: Epic; Modern; Identity.

Referências bibliográficas:

ARISTÓTELES. *Poética. In: Aristóteles, Horácio. Longino. A poética clássica*. 7ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

BAKHTIN, Mikahail. *Epos e romance. In.: Questões de Literatura e estética. A teoria do romance.* São Paulo: UNESP, HUCITEC, 1993

GALVÃO, Walnice Nogueira. "*Matraga: sua marca". In: Mitológica Roseana*. São Paulo: Ática, 1978.

HOMERO. *A Ilíada* Tradução e adaptação de Fernando C. de Araújo Gomes.Rio de Janeiro:Ediouro, s/d.

LUKÀCS, G. *Epopéia e romance. In: A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

WERNER, Jaeger, trad. de Arthur M. Parreira. 1413p. *Paidéia: a formação do homem grego.* São Paulo:Martins Fontes, 2003.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana,* 20. Ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1977.